

1965

261



instituto de arte contemporânea

# revista civilização brasileira

## NÃO DEIXE DE LER:

DEMOCRACIA E PROGRESSO - **Octavio Ianni** □ ASPECTOS POLÍTICOS DA REVOLUÇÃO  
BRASILEIRA - **Luclano Martins** □ RAÍZES SOCIAIS DO POPULISMO EM SÃO PAULO - **Francisco  
C. Weffort** □ 1.º ANIVERSÁRIO DO GOLPE: QUEM DEU, QUEM LEVOU - **Paulo Francis** □  
VIETNÃ: UMA TRINCHEIRA - **Antônio Houaiss** □ O ACÓRDO SOBRE INVESTIMENTOS  
AMERICANOS - **Osny Duarte Perelra** □ AOS QUE VÃO NASCER - **Brecht** □ A ARTE DOS POBRES  
PÁVORA OS GENERAIS - **Bruno Zevi** □ TRAGÉDIA E TRAGICOMÉDIA DO ARTISTA NO  
CAPITALISMO - **Lukács** □ GUERRA NUCLEAR E DESARMAMENTO - **Linus Pauling** □  
NOTAS DE UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS - **Astrojildo Perelra** □ POR QUE ME RECUSO A IR AOS  
ESTADOS UNIDOS - **Jean-Paul Sartre** □ POLÍTICA URBANA E HABITACIONAL - **Arthur Lima Cavalcanti**

## ROTEIRO

LOTT ANALISA A SITUAÇÃO DO PAÍS .....	3
<i>POLÍTICA NACIONAL</i>	
DEMOCRACIA E PROGRESSO — <i>Octavio Ianni</i> .....	5
ASPECTOS POLÍTICOS DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA — <i>Luciano Martins</i> .....	15
RAÍZES SOCIAIS DO POPULISMO EM SÃO PAULO — <i>Francisco C. Weffort</i> .....	39
1.º ANIVERSÁRIO DO GOLPE: QUEM DEU, QUEM LEVOU, REAÇÕES POSSÍVEIS — <i>Paulo Francis</i> .....	61
<i>POLÍTICA INTERNACIONAL</i>	
VIETNAM: UMA TRINCHEIRA — <i>Antônio Houaiss</i> .....	71
“REVOLUÇÃO EM LIBERDADE” — <i>Arthua José Poerner</i> .....	85
<i>ECONOMIA</i>	
CICLOS DE CONJUNTURA EM ECONOMIAS SUBDESENVOLVIDAS — <i>Paul Singer</i> .....	93
O “ACÔRDO SÔBRE A GARANTIA DE INVESTIMENTOS PRIVADOS ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS” — <i>Osny Duarte Pereira</i> .....	113
PROBLEMAS SÓCIO-ECONÔMICOS DO BRASIL — <i>Cid Silveira</i> .....	123
INDÚSTRIA BRASILEIRA REPUDIA PLANO ECONÔMICO DO GOVERNO .....	135
<i>LITERATURA</i>	
QUATRO POEMAS DE FERREIRA GULLAR .....	151
NOTAS DE CRÍTICA — <i>Nelson Werneck Sodré</i> .....	155
AOS QUE VÃO NASCER — Poema de <i>Bertolt Brecht</i> , trad. de <i>Geir Campos</i> .....	170
POETAS FALAM DE POESIA — (Entrevistas concedidas a <i>Olga Werneck</i> ) .....	173
ATUALIDADE DE JOÃO FRANCISCO LISBOA — <i>Franklin de Oliveira</i> .....	191
ANTI-ESQUEMATISMO: UM SALTO PARA A FRENTE — (Entrevista concedida a <i>Moacyr Félix</i> pelos escritores tchecos <i>Lumir Civrny</i> e <i>Norbert Fryd</i> ) .....	211
<i>CINEMA</i>	
PARA UM CINEMA DINÂMICO — <i>Jean-Claude Bernardet</i> .....	219
VITÓRIA DO CINEMA NÔVO — (Debate: <i>Gustavo Dahl</i> , <i>Carlos Diegues</i> , <i>David Neves</i> , <i>Paulo César Saraceni</i> , <i>Alex Viany</i> ) .....	227
<i>TEATRO</i>	
O MARTÍRIO CRÔNICO DE JOANA E A POLITIZAÇÃO DE ELECTRA — <i>Paulo Francis</i> .....	249
<i>ARTES PLÁSTICAS</i>	
A ARTE DOS POBRES APAVORA OS GENERAIS — <i>Bruno Zevi</i> .....	257
“O ARTISTA JÁ NÃO PODE FECHAR-SE EM SI MESMO” — (Entrevista concedida por <i>Ivan Serpa</i> a <i>Ferreira Gullar</i> ) .....	261

PROBLEMAS CULTURAIS E FILOSÓFICOS	
TRAGÉDIA E TRAGICOMÉDIA DO ARTISTA NO CAPITALIS- MO — <i>Georg Lukács</i> .....	265
MARXISMO E ALIENAÇÃO — <i>Leandro Konder</i> .....	280
O COMPLEXO BURGUEÊS DO HOMEM AUSTERO — <i>Jamil Al- mansur Haddad</i> .....	287
CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
NOTA DE APRESENTAÇÃO — <i>Haiti Moussatché</i> .....	295
A SIGNIFICAÇÃO DA GUERRA NUCLEAR E A NECESSIDADE DO DESARMAMENTO E DA PAZ — <i>Linus Pauling</i> .....	297
DOCUMENTÁRIO	
NOTAS E REFLEXÕES DE UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS — <i>Astrojildo Pereira</i> .....	300
POR QUE ME RECUSO A IR AOS ESTADOS UNIDOS — <i>Jean- Paul Sartre</i> .....	314
A "REVOLUÇÃO BRASILEIRA" E OS INTELECTUAIS — <i>Flo- restan Fernandes</i> .....	325
POLÍTICA URBANA E HABITACIONAL — <i>Arthur de Lima Ca- valcanti</i> .....	338

## REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

*Lançamento Bimestral da*

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

*Rua 7 de Setembro, 97*

*Rio de Janeiro, Gb.*

ANO I — N. 2

Maio, 1965

*Diretor Responsável*  
*Secretário*

— ÊNIO SILVEIRA  
— ROLAND CORBISIER

*Conselho de Redação*

— ALEX VIANY — ÁLVARO  
LINS — ANTÔNIO HOUAISS — CID SILVEIRA — DIAS  
GOMES — EDISON CARNEIRO — FERREIRA GULLAR —  
HAITI MOUSSATCHÉ — M. CAVALCANTI PROENÇA —  
MOACYR FELIX — MOACYR WERNECK DE CASTRO —  
NELSON LINS E BARROS — NELSON WERNECK SODRÉ —  
OCTAVIO IANNI — PAULO FRANCIS — OSWALDO GUSMÃO.

☆

*A matéria não assinada é de responsabilidade do Conselho  
de Redação. ■ A Revista somente devolverá aos reme-  
tentes a matéria não solicitada quando a mesma fôr acom-  
panhada de envelope selado.*

## IVAN SERPA: "O ARTISTA JÁ NÃO PODE FECHAR-SE EM SI MESMO"

— *Entrevista Concedida a FERREIRA GULLAR*

*Ivan Serpa foi um dos precursores da arte concreta no Brasil, por volta de 1951. Nesse mesmo ano, obteve o prêmio para jovem pintor na I Bienal de S. Paulo. Em torno de sua pintura desenvolveu-se ampla polêmica naquela época. Criou, então, o Grupo Frente, que reunia artistas concretos, como Aloísio Carvão, João José, Lígia Pape, Oiticica e alguns outros. Em 1958 obteve o Prêmio de Viagem do Salão Nacional de Arte Moderna e, quando voltou da Europa, rompeu com a arte concreta, encaminhando-se para o informalismo. A partir de 1963, retornou à pintura figurativa. Na segunda quinzena de março deste ano, realizou uma grande exposição no Museu de Arte Moderna do Rio, expondo seus últimos trabalhos, alguns dos quais vão reproduzidos aqui.*

— Como definiria sua pintura atual?

— Não pensei, até aqui, numa definição. Acho que ela representa, de certo modo, o mundo de hoje. Um mundo contraditório em que, ao mesmo tempo, se constroem engenhos diabólicos de destruição e põe-se o homem a flutuar no espaço cósmico. Ao mesmo tempo há milhões morrendo de fome, sem que ninguém se incomode. Conquistas científicas e desprezo pelo semelhante. Numa época dessas, pode o pintor fechar os olhos aos problemas do mundo? Vai ele pintar por pintar? Só vejo dois caminhos para os artistas: ou contribuir para o desenvolvimento técnico, trabalhando na indústria, ou denunciar as contradições, fazer os outros homens pensarem.

— Pode-se definir sua pintura atual como expressionista?

— Não pinto como os expressionistas. Na minha pintura não há temas narrativos. O tema é o homem. Cheguei agora às grandes

*cabeças*, que ocupam enormes telas. Pode parecer primário, mas a cabeça é a coisa mais importante do homem, pois ela tem a função de pensar. E, mais do que nunca, o homem precisa pensar, para encontrar a solução dos grandes problemas atuais.

— Qual tem sido a reação da crítica em face de seus novos quadros?

— Os críticos têm gostado, menos aquêles que não conseguem ver os problemas gerais e ficam só preocupados com questões estéticas puras. O burguês, por seu lado, sente que essa pintura é uma agressão a êle. Uma mulher do povo, que viu uma dessas grandes cabeças, disse-me que, diante delas, a gente se sente pequena como um pigmeu. E é certo: somos muito pequenos individualmente para as questões da época, que exigem esforço coletivo. Não se deve perder isso de vista.

— Há quem compre êsses quadros?

— Os amigos. Eles compram mais hoje do que compravam antigamente.

— Mas isso significa um mercado reduzido para sua arte, não?

— Continuarei a pintar assim, mesmo que ninguém compre. Tenho um emprêgo que me permite ganhar a vida e sustentar a família. Não quero ficar rico. Sei que podia pintar retratos de grã-finas e ganhar muito dinheiro, mas isso não teria qualquer sentido. Meu objetivo é viajar pelo Nordeste, conhecer melhor os problemas do povo e pintá-los.

— Lembro-me de seu juízo no passado sôbre Portinari. Que pensa dêle, hoje, nesta altura de sua evolução?

— Meu juízo mudou, sob certos aspectos. Mas penso que Portinari não chegou a fazer a pintura humanista ou social, que se propôs. Traiu-se porque colocou sua pintura dentro de um esquema. Os seus *cangaceiros*, por exemplo, pareceram homens fantasiados de cangaceiros mas não os próprios cangaceiros. Os quadros de *retirantes* são os melhores, mas ainda têm resíduos surrealistas. Talvez se Portinari tivesse convivido mais com o povo teria resolvido melhor seus quadros.

— Como vê, hoje, o concretismo, de que foi um dos pioneiros no Brasil?

— A arte concreta nunca teria dado certo no Brasil. Ela foi fruto de um equívoco. Mas era natural que isso acontecesse. Faltavam-nos meios para entender as coisas e sobretudo para entender nosso próprio País. Pretendemos fazer uma arte altamente técnica num país subdesenvolvido. Deveríamos ter seguido nossa arte botocuda e estaríamos hoje em melhor situação. Mas faltaram orientadores, faltou lucidez. E tanto o concretismo não tinha consistência que hoje são raros os que ainda trabalham nesse rumo.

— Acha que as pessoas gostarão de pôr em casa os quadros que pinta, hoje, com figuras esqueléticas e monstruosas?

— Quando pinto êsses quadros enormes, pinto-os para os museus, isto é, para serem expostos em lugares de freqüentação coletiva. Ali, êles podem ser vistos por todos, pelos que têm e pelos que não têm dinheiro capaz de adquiri-los. Mas os pequenos guaches e desenhos, êsses sim, podem ser colocados nas residências. Mas já não tenho em vista, quando pinto, os grandes colecionadores que, no passado, acumulavam ciosamente centenas de obras de arte em seu museu particular.

— Você mantém contato com os artistas mais jovens?

— Raramente. Êles são logo contratados pelas galerias e começam a ganhar dinheiro.

— Falo dos jovens que ainda não têm *marchand*.

— Mas o que está acontecendo é que qualquer jovem, que pinta há dois ou três anos, é logo contratado pelas galerias, embora ainda não saiba pintar direito. E logo seus quadros atingem preços exorbitantes... Outro fenômeno estranho é a onda de *primitivos* que surgiu agora. Rapazes e môças de 15 a 20 anos viraram artistas *primitivos*. Não sei donde tiraram vivência para êsse tipo de arte. E surgem de todo lado, porque há um mercado grande para a arte primitiva... São tècnicamente ruins. Mas é claro que os verdadeiros *primitivos* merecem respeito, como Heitor dos Prazeres, o velho Cardosinho, Grauben, para não falar de Rousseau e Séraphine.

— Acredita que sua arte terá possibilidade de influir no trabalho dos jovens pintores?

— O Brasil terá de despertar cada vez mais e os artistas despertarão com êle. Torna-se necessário divulgar as idéias novas, a visão da realidade brasileira, através de palestras, cursos, expo-

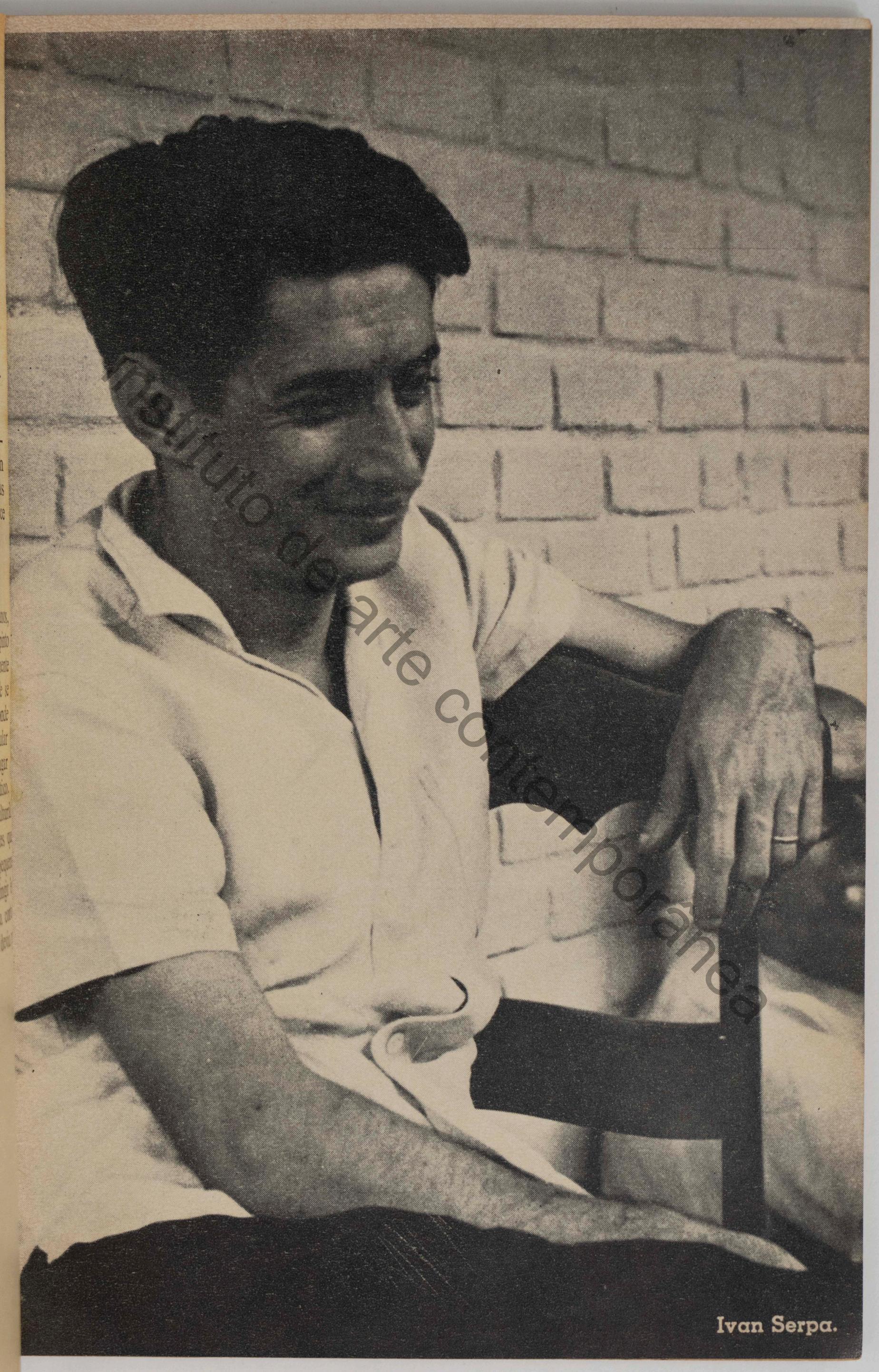
sições. Os museus deviam expor mais a arte brasileira, como acontece nos outros países. Aqui, os estrangeiros andam à procura de ver arte brasileira e não conseguem porque é o que menos se expõe. Há uma resistência a revelar e conhecer a realidade brasileira. Você não acreditará, se eu lhe disser que o atual diretor do Museu Nacional de Belas Artes proibiu que fôsse ali exposto o cartaz de minha exposição, porque representava uma figura esqueletica: "porque era feio".

— Acredito, pois sei que essa "revolução" é muito coerente... E a crítica de arte?

— Quase não existe, com as honrosas exceções. Os colunistas de arte gastam espaço a noticiar exposições de arte em Paris, Londres e Nova Iorque, como se pudéssemos assistir a essas mostras. Os colunistas deviam se interessar mais pelo que acontece no Brasil. Mesmo que seja para falar mal.

— Que função vê para a pintura, hoje?

— Não vejo mais a pintura como via há dezenove anos, quando comecei a pintar. Era uma visão romântica. Hoje pinto procurando comunicar alguma coisa à coletividade. Antigamente pintava apenas para mim mesmo. O pintor hoje não pode se fechar em si. A função da pintura está no museu, lugar onde todo mundo pode ir vê-la. Ela deixa de ser propriedade particular de fulano ou sicrano. Mas falo de um museu nôvo, não do lugar onde se expõem obras mumificadas. Falo do museu vivo, didático, que procura mostrar todos os aspectos do desenvolvimento cultural e artístico do homem. E penso em exposições itinerantes que levariam a arte — a pintura, o cinema, o teatro — às pequenas cidades do interior do país... Mas estamos longe de atingir êsse museu ideal, pois ainda hoje a direção dos museus fica contente quando consegue atrair figuras da elite social, quando devia preocupar-se em levar o povo ao museu.



Ivan Serpa.

INSTITUTO DE INVESTIGACIONES Y ESTADÍSTICAS





Pintura.